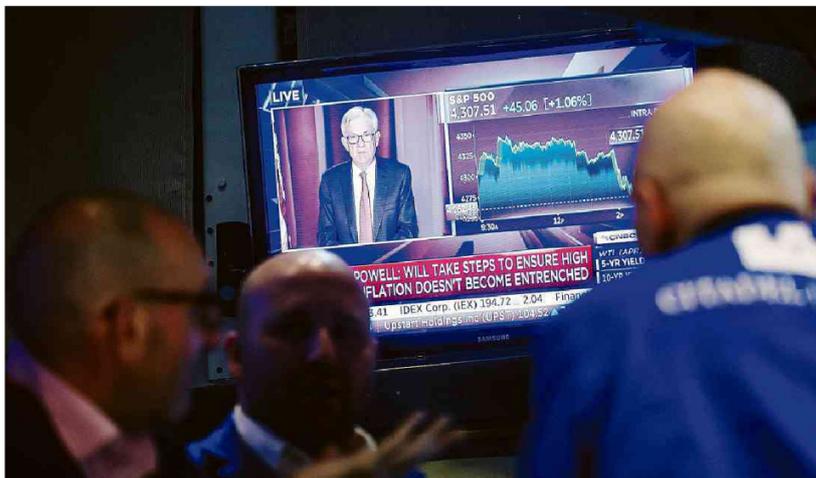


BC sobre juros para 11,75%, e taxa atinge ápice em 5 anos



Operadores da Bolsa de NY assistem a anúncio do presidente do Fed, Jerome Powell, que elevou juro para intervalo entre 0,25% e 0,5%

EUA elevam juro pela 1ª vez em 4 anos para frear maior inflação em 4 décadas

Fed, o banco central americano, indica mais seis aumentos em 2022; mercados reagem bem

WASHINGTON E SÃO PAULO O Fed (Federal Reserve, o banco central americano) elevou nesta quarta-feira (16) os juros em 0,25 ponto percentual, para um intervalo entre 0,25% e 0,5% ao ano, marcando o fim da política monetária voltada ao enfrentamento da desaceleração econômica provocada pela pandemia.

Agora, a autoridade se volta às incertezas geradas pela guerra na Ucrânia e à necessidade de apertar o acesso ao crédito para que o país enfrente a inflação mais alta em 40 anos.

O Fed também projetou que a taxa básica deva atingir um intervalo entre 1,75% e 2% até o fim do ano, o que vai encarecer os custos de empréstimos no país.

O comunicado do Fomc, sigla em inglês para o comitê de política monetária do Fed, deixou de lado a referência direta à pandemia de coronavírus. Em vez disso, citou a guerra na Ucrânia como fator de "pres-

são ascendente adicional sobre a inflação" e de peso sobre a atividade econômica.

Essa é a primeira vez que o conselho decide subir os juros de referência dos EUA desde 2018.

A medida tem potencial para tirar liquidez dos mercados de ações e elevar as taxas de câmbio em países de economia emergente, como é o caso do Brasil.

O mercado, porém, reagiu de forma positiva ao pronunciamento do presidente do Fed, Jerome Powell, ao avaliar que a autoridade monetária mantém o cuidado de evitar solavancos inesperados na condução do processo de retirada de estímulos ao mercado.

No Brasil, o Copom decidiu nesta quarta elevar a taxa básica de juros em um ponto percentual, a 11,75% ao ano.

O Ibovespa avançou 1,98%, a 11.112 pontos, recuperando-se parcialmente de quatro quedas seguidas. O dólar comercial recuou 1,31%, para R\$5,0920.

Apesar da elevação dos juros nos Estados Unidos resultar em uma potencial fuga de dólares de economias emergentes rumo aos títulos do Tesouro americano, esse movimento não deverá ocorrer no curto prazo, segundo Camilla Abudmalak, economista chefe da Veedha Investimentos.

"O nosso diferencial [relação entre nossa taxa Selic e a inflação doméstica, comparada ao exterior] ainda é atrativo e esse comportamento mais favorável do dólar pode continuar no curto prazo, diz.

Em março de 2020, o Fed optou por injetar liquidez no mercado por meio da redução do custo dos empréstimos e da compra de títulos, principalmente os imobiliários. A medida amenizou o resfri-

amento econômico provocado pelas restrições de circulação impostas para desacelerar as infecções pelo coronavírus.

Neste mês, além de dar início ao ciclo de altas dos juros, o banco central americano encerrou o seu programa de compra de títulos após um processo de redução gradual dessas aquisições iniciado no ano passado.

Conhecido como "tapering", o processo evitou que a retratada abrupta de liquidez provocasse oscilações mais fortes no mercado de ações americano e mundial.

O balanço patrimonial do Fed mais que dobrou durante a pandemia devido à compra de trilhões de dólares em Treasuries (Tesouro) e títulos lastreados em hipotecas.

Powell disse que, na próxima reunião, espera começar a reduzir esse balanço, que é de quase US\$ 9 trilhões.

O banco central fornecerá mais detalhes sobre os parâmetros do plano quando di-

gular, daqui três semanas, a ata da reunião desta quarta-feira, disse Powell.

Diminuir a carteira ajudará a apertar a política monetária e as condições financeiras, complementando o movimento do banco central em direção a taxas de juros mais altas com o objetivo de trazer a inflação de volta ao controle, afirmou o presidente do Fed.

Numa sessão que já se apresentava positiva desde as primeiras horas do dia devido a avanços nas negociações sobre um cessar-fogo entre Rússia e Ucrânia, o mercado acionário em Nova York foi impulsionado após o anúncio do Fed.

O S&P 500 fechou com forte alta, de 2,24%.

A principal reação positiva ao Fed, porém, veio da Nasdaq, que pulou 3,77%. É nesse mercado, dominado por médias empresas do setor de tecnologia que dependem de crédito para crescer, que variações nos juros costumam ter maior impacto.

O índice Dow Jones, composto por três dezenas de empresas de grande valor e com menor dependência de empréstimos, subiu 1,55%.

A trajetória da taxa de juros mostrada nas novas projeções dos formuladores de política monetária do Fed veio mais dura do que o esperado.

Isso reflete a preocupação do banco central americano com a inflação, que se moveu mais rapidamente e ameaçou se tornar mais persistente do que o estimado.

Autoridades do Fed revisaram fortemente suas projeções para as taxas de juros para este ano, em comparação com a reunião realizada há três meses, quando previam três aumentos de taxa de 0,25 ponto percentual em 2022, seguidos por mais cinco em 2023 e 2024.

Os formuladores de política monetária dos EUA agora esperam mais seis aumentos em 2022, além do movimento de março. Serão sete aumentos (da taxa de juros), contando com a hoje, explica Ettore Sanchez, economista chefe da Ativa Investimentos.

Mesmo com os aumentos de juros mais rígidos agora projetados, a inflação deve permanecer acima da meta de 2% do Fed, ficando em 4,1% neste ano e caindo apenas para 2,3% até 2024.

O crescimento econômico previsto é de 2,8% para este ano, uma queda acentuada ante a taxa de 4,2% projetada em dezembro.

Ataxa de desemprego deve cair para 3,5% neste ano e aí permanecer no próximo, mas deve subir ligeiramente para 3,6% em 2024.

Com Reuters e Financial Times

BC dos EUA eleva juros pela primeira vez desde 2018



Guerra, choque de oferta e inflação desestabilizam economia global

OPINIÃO

Martin Wolf

LONDRES | FINANCIAL TIMES Um novo mundo está nascendo. A esperança de relações pacíficas se dissipa. Em vez disso, temos a guerra na Ucrânia, ameaças de hecatombe nuclear, um Ocidente mobilizado, uma aliança de autocracias, sanções econômicas sem precedentes e um enorme choque de energia e alimentos. Ninguém sabe o que acontecerá. Mas sabemos que isso parece ser um desastre.

É natural buscar alguém para acusar. Para muitos, o culpado é a expansão da Otan para o centro e o leste da Europa. Uma voz importante é a de John Mearsheimer, o renomado estudioso "realista", que culpa a decisão dos EUA de abrir a possibilidade de afiliação da Ucrânia à Otan em 2008. Eu concordo e discordo. O erro foi a ambiguidade. A oferta só deveria ter sido feita quando a Ucrânia aderisse como membro pleno. Mas eu apoiaria a expansão da Otan aos antigos satélites da Rússia por

que boas cercas fazem bons vizinhos. A Rússia sabe que, se invadir um membro da Otan, haverá guerra. Não foi o caso na Ucrânia. Por isso esse que pareceu uma opção fácil para o despoja do Kremlin.

Quando a por que Vladimir Putin fez isso, uma resposta é que ele dirige um regime falido. Só um império pode justificar seu governo. A economia russa, dependente de matérias-primas, caiu muito atrás da da Polónia. É um paraíso de rentistas. Hoje, esses rentistas são os capangas de Putin e os "oligarcos" da era de Boris Ieltsin. A Ucrânia falhou economicamente, também. Mas é democrática. Para Putin, essa aspiração é intolerável.

Depois da queda da URSS, muitos esperavam um mundo conduzido por cooperação e intercâmbios mutuamente benéficos. Mas o grande conflito de poder sempre esteve à espera para irromper. Os EUA estavam inebriados por seu "momento unipolar". A China se tornou mais poderosa e autoritária sob Xi Jinping. Putin remoina seus ressentimentos, finalmente invalidando um país

do qual se considera dono. Ouvimos ecos da Primeira Guerra. Então foi a Áustria, o parceiro mais fraco, não a Alemanha, que começou o conflito. Hoje é a Rússia, o mais fraco em sua aliança com a China. O apoio prometido pela China corre o risco de transformar os perigos criados pela guerra da Rússia em uma catástrofe. Isso transformaria o mundo em dois blocos, com custosas consequências econômicas e de segurança. Considere os desafios à frente.

Mais obviamente, precisa ter fim a guerra na Ucrânia, que é um ataque simultaneamente a um país pacífico, a uma democracia e à ordem mundial. A China deveria ajudar a Rússia a se livrar de seu pesadelo. Não é difícil entender por que ela apoia Putin. Entre outras coisas, seus líderes certamente compartilham o desprezo dele pelas democracias. Mas esses são erros enormes. Como a história muitas vezes demonstrou, as sociedades livres são poderosas, quando mobilizadas, porque gozam do apoio de suas populações.

Também é essencial admitir a crise econômica que se aproxima. A combinação de guerra, choques de abastecimento e alta inflação é desestabilizadora, como o mundo aprendeu nos anos 1970. A instabilidade financeira hoje parece muito provável, também. As autoridades monetárias não podem ignorar a inflação alta, porém. Por isso os governos terão de empregar apoio fiscal direcionado aos vulneráveis.

Além disso, o Ocidente deve reforçar suas defesas, em todas as frentes — militar, energética, cibernética e econômica. É inevitável, infelizmente, que, em um conflito com enormes ramificações, as exigências de segurança venham em primeiro lugar. Esse não é o mundo que qualquer pessoa deseja. Mas é onde vivemos hoje. É vital que a União Europeia se torne uma verdadeira potência de segurança. Ela possui confortavelmente a escala demográfica e econômica para equilibrar a Rússia.

O Reino Unido pós-brexit deve participar o mais plenamente possível. Os EUA precisam dessa assistência europeia, já que também estarão lidando com a China de Xi.

Apesar dessas necessidades prementes, devemos tentar não abandonar tudo o que foi conquistado nas últimas três décadas. Não estamos em guerra com russos e chineses comuns que simplesmente esperam um futuro melhor. Pelo contrário, a longo prazo poderão ser nossos aliados. As sanções precisam ser direcionadas a onde for possível. O futuro do comércio e outros intercâmbios pacíficos dependerá, entretanto, de como — e depois de quanto tempo — es-

ca. É inevitável, infelizmente, que, em um conflito com enormes ramificações, as exigências de segurança venham em primeiro lugar. Esse não é o mundo que qualquer pessoa deseja. Mas é onde vivemos hoje. É vital que a União Europeia se torne uma verdadeira potência de segurança. Ela possui confortavelmente a escala demográfica e econômica para equilibrar a Rússia.

O Reino Unido pós-brexit deve participar o mais plenamente possível. Os EUA precisam dessa assistência europeia, já que também estarão lidando com a China de Xi.

Apesar dessas necessidades prementes, devemos tentar não abandonar tudo o que foi conquistado nas últimas três décadas. Não estamos em guerra com russos e chineses comuns que simplesmente esperam um futuro melhor. Pelo contrário, a longo prazo poderão ser nossos aliados. As sanções precisam ser direcionadas a onde for possível. O futuro do comércio e outros intercâmbios pacíficos dependerá, entretanto, de como — e depois de quanto tempo — es-

sa crise vai terminar.

Precisamos nos lembrar das preocupações mais amplas de que todos os seres humanos compartilham — o ambiente global, a administração da pandemia, o desenvolvimento econômico e a própria paz. Não podemos sobreviver sem cooperação.

Depois da batalha de Austertitz, em 1805, William Pitt, o Jovem disse, de modo presciente: "Enrole o mapa [da Europa]; ele não será necessário nestes dez anos". A guerra na Ucrânia transformou de modo semelhante o mapa de nosso mundo. Um período prolongado de estagnação parece certo, com grandes efeitos potenciais para os mercados financeiros. A longo prazo, o surgimento de dois blocos com diferenças profundas entre si é provável, assim como uma reversão acelerada da globalização e o sacrifício dos interesses econômicos à geopolítica. Até a guerra nuclear é, infelizmente, concebível.

Reze por um milagre em Moscou. Sem ele, a estrada à frente será longa e dura.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Um período prolongado de estagnação parece certo, com grandes efeitos potenciais para os mercados financeiros

BC alivia ritmo de aperto monetário e eleva juros em um ponto, para 11,75%

Apesar da deterioração do cenário inflacionário, Copom confirma alta indicada na reunião anterior e sinaliza repetir a dose em maio

Nathalia Garcia

Copom reduz ritmo de alta dos juros

BRASÍLIA O Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central manteve nesta quarta-feira (16) o plano de reduzir o ritmo do aperto monetário e elevou a taxa básica de juros (Selic) em um ponto percentual, de 10,75% para 11,75% ao ano.

O colegiado também sinalizou que o ciclo de altas, iniciado em março de 2021, não chegou ao fim e continuará avançando significativamente em território "ainda mais contractionista", diante dos novos choques inflacionários.

Sobre seus próximos passos, o BC antecipou que deve fazer outro ajuste da mesma magnitude, ou seja, um novo aumento de um ponto percentual no próximo encontro.

A decisão veio em linha com as projeções do mercado financeiro. Levantamento feito pela Bloomberg mostrou que a maioria dos analistas consultados esperava elevação de um ponto na Selic, mesmo com a deterioração nas expectativas de inflação.

O colegiado do BC se reuniu nesta semana em meio a um cenário desafiador para o processo de desinflação diante dos novos choques decorrentes da guerra entre Rússia e Ucrânia, como a alta dos preços dos combustíveis.

Diante disso, a autoridade monetária mostrou cautela e, apesar da piora do ambiente inflacionário nas últimas semanas, não alterou sua estratégia.

Em fevereiro, o colegiado sinaliza a redução da magnitude de ajuste da taxa básica de juros depois de promover elevações de 1,5 ponto percentual na Selic nas últimas três reuniões.

"O Copom avalia que o momento exige serenidade para avaliação da extensão e duração dos atuais choques. Caso esses se provejam persistentes ou maiores que o antecipado, o Comitê estará pronto para ajustar o tamanho do ciclo de aperto monetário", disse o colegiado no comunicado desta quarta.

Para o BC, o ciclo de juros nos cenários avaliados é suficiente para a convergência da inflação para patamar em torno da meta ao longo do horizonte relevante.

"O Comitê enfatiza que irá perseverar em sua estratégia até que se consolide não apenas o processo de desinflação como também a ancoragem das expectativas em torno de suas metas", pontuou.

Em dois dígitos, a taxa de juros está agora no maior patamar desde abril de 2017, ainda no governo de Michel Temer (MDB), quando os juros eram de 12,25% ao ano.

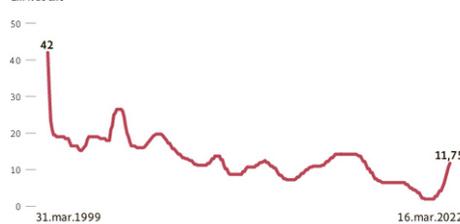
O ciclo do aperto monetário encontra-se em estágio avançado no Brasil. Essa foi a nona elevação consecutiva da Selic, com alta acumulada de 9,75 pontos percentuais. O aumento dos juros no país é o maior entre as principais economias ao redor do mundo.

Em março do ano passado, a Selic estava em 2% ao ano, menor patamar histórico, e, cinco meses depois, já entrava em território contractionista (que freia a atividade econômica e a inflação).

Esse é também o maior ciclo de aperto desde a criação do sistema de metas para inflação, em 1999, quando a taxa básica subiu de 25% para 45% ao ano.

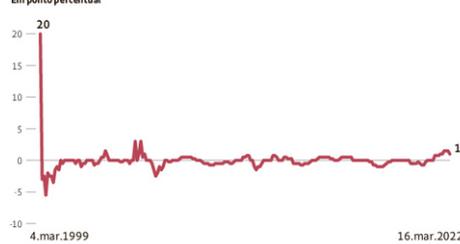
Taxa básica de juros (Selic)

Em % ao ano



Variação da Selic por período*

Em ponto percentual



*As reuniões ocorrem a cada 45 dias. Houve uma reunião extraordinária em 14.out.02

Fontes: Bloomberg e Banco Central

SERVIDORES FARÃO PARA-CLIQUE DIÁRIAS A PARTIR DE HOJE

Em mobilização por reajuste salarial e reestruturação de carreira, os servidores do BC decidiram em assembleia realizada nesta quarta-feira (16) fazer paralizações diárias de quatro horas, das 14h às 18h, a partir desta quinta (17). Outra decisão tomada foi que os substitutos de todas as funções comissionadas do BC solicitam, coletivamente, exoneração de suas posições. A iniciativa faz parte da mobilização nacional do funcionalismo público por recomposição salarial depois que o presidente Jair Bolsonaro (PL) acenou conceder aumento para policiais federais, rodoviários federais e agentes penitenciários. A verba disponível no Orçamento para elevar a remuneração dos servidores é de R\$ 1,7 bilhão.

O choque de juros é uma resposta do BC às sucessivas revisões para cima das expectativas de inflação para 2023. O Copom volta a se reunir em 3 e 4 de maio, quando o colegiado do BC passa a olhar integralmente para a meta de 2023 em suas decisões sobre os juros, dada a defasagem nos efeitos da política monetária na economia. Para o próximo encontro, o BC antevê um outro ajuste da mesma magnitude, ou seja, um novo aumento de um ponto percentual.

"O Copom enfatiza que os passos futuros da política monetária poderão ser ajustados para assegurar a convergência da inflação para suas metas e dependerão da evolução da atividade econômica, do balanço de riscos e das projeções e expectativas de inflação para o horizonte relevante da política monetária."

Rafaela Vitória, economista-chefe do banco Inter, diz que a decisão desta quarta está alinhada com suas projeções, mas que gostaria de ter visto o Copom deixando em aberto o seu próximo movimento.

"A gente está em final de ciclo e são ajustes finos neste momento. O cenário tem muita volatilidade, está com muita incerteza. O ideal teria sido o BC ter deixado seu próximo passo em aberto. Mas ele indicou mais uma alta de um ponto, é um pouco mais 'hawkish' do que a gente esperava."

"Hawkish" é um jargão que vem de "hawk" (falcão, em inglês) e é usado entre economistas para apontar uma postura contractionista da autoridade, mais agressiva e com tendência a subir juros.

A especialista diz também que, apesar de ter sinalizado o que fará na próxima reunião, o Copom indica que pode reconsiderar sua decisão e dar uma alta ainda maior, se necessário, dando grande peso para a inflação em alta.

Na segunda (14), a pesquisa Focus mostrou que a mediana da inflação projetada pelos economistas para este ano subiu de 5,65% para 6,45%, dis-

tanciando-se mais ainda do teto da meta do CMN (Conselho Monetário Nacional).

O objetivo a ser perseguido pelo BC neste ano é de 3,5%, com tolerância de 1,5 ponto percentual para mais ou para menos. Se as projeções se confirmarem, o teto da meta será estourado pelo segundo ano consecutivo.

Já as projeções divulgadas pelo BC nesta quarta no cenário de referência são de 7,1% para 2022 e 3,4% para 2023.

Em fevereiro, o IPCA registrou alta de 1,21%, número acima das expectativas do mercado, que esperava elevação de 0,95%. No acumulado de 12 meses, o indicador de inflação chegou a 10,54%.

Diante das intensas pressões inflacionárias, economistas revisaram suas projeções para a taxa terminal da Selic. Para 2022, esperam que os juros fechem o ano a 12,75%. Em 2023, a expectativa é de 8,75% ao ano. O Copom considera os mesmos números em ambos os cenários de projeção de inflação divulgados.

Segundo o BC, uma possível reversão, ainda que parcial, do aumento nos preços das commodities internacionais em moeda local produziria trajetória de inflação abaixo do cenário de referência.

Por outro lado, diz a autarquia, políticas fiscais que impliquem impulso adicional da demanda ou piores trajetórias fiscais futura podem impactar negativamente preços e os prêmios de risco do país.

Para a instituição, apesar do desempenho mais positivo das contas públicas, a incerteza em relação ao arcabouço fiscal segue mantendo elevado o risco de desencorajamento das expectativas de inflação.

Diferentemente do comunicado anterior, o colegiado disse que considera que esse risco está sendo parcialmente incorporado nas expectativas de inflação e preços de ativos utilizados em seus modelos.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado **Caderno:** A **Página:** 17 e 18